

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR PRODUÇÕES TÉCNICO-CIENTÍFICAS NO REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DO IF GOIANO

Com base no disposto na Lei Federal nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998, AUTORIZO o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano a disponibilizar gratuitamente o documento em formato digital no Repositório Institucional do IF Goiano (RIIF Goiano), sem ressarcimento de direitos autorais, conforme permissão assinada abaixo, para fins de leitura, download e impressão, a título de divulgação da produção técnico-científica no IF Goiano.

IDENTIFICAÇÃO DA PRODUÇÃO TÉCNICO-CIENTÍFICA

Tese (doutorado)

Dissertação (mestrado)

Monografia (especialização)

TCC (graduação)

Artigo científico

Capítulo de livro

Livro

Trabalho apresentado em evento

Produto técnico e educacional - Tipo:

Nome completo do autor:

Matrícula:

Título do trabalho:

RESTRIÇÕES DE ACESSO AO DOCUMENTO

Documento confidencial: Não Sim, justifique:

Informe a data que poderá ser disponibilizado no RIIF Goiano: / /

O documento está sujeito a registro de patente? Sim Não

O documento pode vir a ser publicado como livro? Sim Não

DECLARAÇÃO DE DISTRIBUIÇÃO NÃO-EXCLUSIVA

O(a) referido(a) autor(a) declara:

- Que o documento é seu trabalho original, detém os direitos autorais da produção técnico-científica e não infringe os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade;
- Que obteve autorização de quaisquer materiais inclusos no documento do qual não detém os direitos de autoria, para conceder ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano os direitos requeridos e que este material cujos direitos autorais são de terceiros, estão claramente identificados e reconhecidos no texto ou conteúdo do documento entregue;
- Que cumpriu quaisquer obrigações exigidas por contrato ou acordo, caso o documento entregue seja baseado em trabalho financiado ou apoiado por outra instituição que não o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano.

Local / /
Data

José Regener da Silva
Assinatura do autor e/ou detentor dos direitos autorais

Ciente e de acordo:

Rosalina Aparecida Borges
Assinatura do(a) orientador(a)



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA GOIANO -

Curso de Licenciatura em Pedagogia e Educação Profissional e Tecnológica na Modalidade a Distância



Anexo II

ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CURSO

Ao(s) 25 dia(s) do mês de outubro de dois mil e vinte e dois, às 18:00 horas e 00 minutos, reuniu-se a banca examinadora composta pelos docentes: Rosalina Aparecida Borges (orientador), Cristiane Dias_(membro), Joceline Maria da Costa Soares (membro), para examinar o Trabalho de Curso intitulado “Distúrbio da linguagem na educação infantil: o papel do professor em sala de aula” do(a) estudante Janiz Bezerra da Silva, Matrícula nº 2018201221350050 do Curso de Licenciatura em Pedagogia e Educação Profissional e Tecnológica na Modalidade a Distância. A palavra foi concedida ao(a) estudante para a apresentação oral do TC, houve arguição do(a) candidato pelos membros da banca examinadora. Após tal etapa, a banca examinadora decidiu pela APROVAÇÃO do(a) estudante. Ao final da sessão pública de defesa foi lavrada a presente ata que segue assinada pelos membros da Banca Examinadora.

Orientador/Presidente da Banca

Membro

Membro

Acadêmico

DISTÚRBIOS DA LINGUAGEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL: o papel do professor em sala de aula

Janiz Bezerra da Silva ¹
Rosalina Aparecida Borges²

RESUMO

O referente estudo objetiva discutir sobre as dificuldades que interferem no desenvolvimento da leitura e da escrita, cujo foco é a dislalia, pois considera-se ser este um distúrbio que na maioria das vezes passa despercebido, não por incompetência do professor, mas por falta de conhecimento e abrangência do problema na vida do educando. Traz como base metodológica a abordagem qualitativa e bibliográfica da literatura científica, pois recorre a estudos científicos alicerçando a discussão, mas ao mesmo tempo esbarra-se na falta de estudos científicos que abordam o tema da forma como deveria dificultando a abrangência do mesmo no âmbito pedagógico, entendendo que seria uma forma de buscar alternativas para o suprimento de uma deficiência que pode ser sanada no período certo como a dislalia. Ressalta a importância de uma equipe multiprofissional, incluindo a família e a escola como um todo. livros e artigos sobre o assunto. Entende-se ser uma discussão importante para estudos futuros, disseminando a importância do tema e seu aprofundamento.

PALAVRAS- CHAVE: Distúrbio de aprendizagem. Dislalia. Leitura e escrita.

ABSTRACT

The referent study aims to discuss the difficulties that interfere in the development of reading and writing, whose focus is dyslalia, as this is considered to be a disorder that most of the time goes unnoticed, not because of the teacher's incompetence, but due to lack of knowledge and scope of the problem in the student's life. It brings as a methodological basis the qualitative and bibliographic approach of the scientific literature, as it uses scientific studies to support the discussion, but at the same time it comes up against the lack of scientific studies that approach the topic in the way it should, making it difficult to cover it in the pedagogical scope. , understanding that it would be a way of looking for alternatives to supply a deficiency that can be remedied in the right period, such as dyslalia. It emphasizes the importance of a multidisciplinary team, including the family and the school as a whole. books and articles on the subject. It is understood to be an important discussion for future studies, disseminating the importance of the topic and its deepening.

Keywords: Learning disorder. Dyslalia. Reading and writing.

1 Graduanda do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia pelo Instituto Federal Goiano – IFG – Pólo de Urutaí.
E-mail: jenibesijunior1@gmail.com

2 Historiadora, Pedagoga Especialista em História Regional e Psicopedagogia Clínica e Institucional e Mestra em História, rosalina-borges@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

A aprendizagem da leitura e escrita é importante e necessária em praticamente todos os países, sendo muito preocupante para pais e educadores quando o educando por algum motivo não consegue desenvolver a habilidade da leitura, problema este que leva inúmeros questionamentos, buscando onde o erro está.

Ao pretender concretizar uma determinada investigação tem que se estabelecer um ponto de partida, levantar algumas questões e definir os respectivos objetivos. Em seguida há que direcionar o caminho a seguir definindo os procedimentos metodológicos.

Neste ponto estabeleceu-se os procedimentos e instrumentos a serem utilizados na coleta das informações. Estes devem estar diretamente ligados ao paradigma da investigação, à temática, ao problema, às questões de investigação, à seleção da amostra ou do grupo de participantes e à natureza qualitativa do estudo.

Em uma reportagem na Revista Pais&Filhos (2015), falando sobre a doença do personagem Cebolinha da Turma da Mônica, a fonoaudióloga Valéria Abid³ explica que a dislalia é um distúrbio da linguagem que não tem causas neurológicas, podendo estar relacionadas com a estrutura da boca, alterações dentárias ou freios linguais curtos. Ressalta Valéria Abid (PAIS&FILHOS, 2015), não existe uma estatística precisa de quantas crianças desenvolvem o distúrbio da dislalia.

É natural que ao chegar à escola a criança é colocada em uma turma com alunos de sua faixa etária e nível de aprendizagem aprenda o processo da leitura, mesmo que não seja do mesmo ritmo, pois cada educando tem sua especificidade e seu próprio tempo. No entanto, em muitas situações o educando não consegue alcançar satisfatoriamente a leitura e a escrita devido ao fato de ter algum distúrbio de linguagem que quando mais cedo for diagnosticado mais facilmente será superado.

Escolher este tema teve como impulso o fato de vivenciar o problema no meio familiar, assim como a dificuldade de identificar e lidar com a situação por falta

3 Responsável pelo Setor de Fonoaudiologia da Associação Fluminense de Reabilitação.

de conhecimento e direcionamento pedagógico.

Não é um tema fácil de abordar, pois infelizmente a literatura disponível referente a dislalia não é fácil de encontrar, e conseqüentemente dificultam o direcionamento de caminhos a serem percorridos na superação do distúrbio da dislalia e melhoria da aprendizagem.

É uma pesquisa a qual realizou um estudo bibliográfico, tendo dificuldades de identificação do referente distúrbio de linguagem, assim como as limitações da família e da escola como um todo, considerando sempre o educando que infelizmente, se não receber o direcionamento adequado é o maior prejudicado.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

A escola é lugar de descoberta, interação, desafios de superação e nestes emaranhados de sentimentos e ações que ocorre aprendizagem. Pois aprendizagem é o um elo entre meio ambiente e estruturas mentais, é um processo tranquilo, no entanto existem alguns fatores que podem dificultar a aprendizagem na escola.

Aprender é um fator natural da vida, pois enquanto vivemos estamos em constante aprendizagem, na qual ocorre de diversas maneiras e em diversas situações, com maior facilidade e/ou dificuldades para determinadas áreas e/ou aprendizado, o que não existe é indivíduos que não aprendem.

Um dos distúrbios de aprendizagem comum no processo de aquisição da leitura e escrita é a dislalia, que na definição de Bueno (2018) é um distúrbio caracterizado por dificuldades em articular palavras, omitindo e/ou trocando letras, problema cujo início foi quando a criança começou a falar, estando relacionadas a alterações do aparelho fonador.

É comum quando a criança começa a desenvolver a fala pronunciar palavras “erradas” com omissão ao aumento de letras ou fonemas, porém quando chega a escola, conforme sua faixa etária e nível de desenvolvimento, o período da dificuldade da fala já está quase ou totalmente superada, aprimorando a cada dia com a convivência no ambiente escolar com alunos e professor, sendo que a persistência do problema em articular a fala é necessária uma investigação aprofundada, pois pode ser algum diante das dificuldades percebidas em relação às pessoas que tem distúrbios de linguagem, como estudante de pedagogia me

instigou à proposição de um problema norteador, a deste estudo: Como o/a professor/a da Educação infantil lida com a dislalia em sala de aula?

Portanto, a busca por resposta a esta questão levantando a necessidade do delineamento de objetivos que possam orientar essa pesquisa, a aquisição principal desta é: Entender a importância de observar a pronúncia correta dos alunos/as na Educação Infantil e de como os professores estão preparados para lidar com essa situação.

Parte da problemática central: “Como o/a professor/a da Educação infantil lida com a dislalia em sala de aula?” Porém para essa análise outras questões são relevantes nessa pesquisa, pois mesmo o educando apresentando dificuldades de pronúncia por que ainda é tão tardio o diagnóstico da dislalia? De que forma o educador pode auxiliar no diagnóstico precoce da dislalia ao perceber a dificuldade do educando no desenvolvimento linguístico? Quais são os profissionais e como encaminhar o educando para a avaliação de distúrbios de linguagem?

Neste contexto, Tavares e Montiel (2019, p. 5):

A aprendizagem do ser humano ocorre de forma natural, juntamente com seu desenvolvimento no grupo humano em que está inserido. Aprendemos a andar, a falar, a comer, etc. Dessa forma, também a aprendizagem escolar ocorre de forma natural, porém há crianças que apresentam certas dificuldades no decorrer de sua alfabetização. Os estudos sobre as dificuldades na aprendizagem são realizados num campo do conhecimento identificado como Psicopedagogia e levam em consideração a realidade vivida pela criança, dentro da escola e fora dela, em especial no convívio dos seus familiares.

Infelizmente, observa-se que o indivíduo que sofre com a dislalia, convive com este distúrbio por muito tempo, muitos acabam desistindo da vida escolar por acreditarem não conseguir aprender, sem tratamento, outros quando chegam a descobrir o tratamento já não é tão eficiente como se fosse realizado no início.

O importante é que o educador esteja atento e perceba a forma como o educando está utilizando a linguagem, se o seu desenvolvimento consiste em erros de linguagens normais dentro dos padrões esperados ou se há maior incidência a qual seja necessária uma investigação mais aprofundada.

É um processo que exige que o educador tenha conhecimento básico do assunto e esteja preparado para identificar os primeiros sintomas que o educando apresentar, mesmo porque é o professor que vai estar em contato direto com o/a aluno/a, e ao identificar que ele/a não tem um desenvolvimento considerável de

linguagem tem condições de encaminhá-lo para uma avaliação adequada e um diagnóstico certo. Os referidos profissionais podem ser solicitados na assistência social e de saúde dos municípios ou mesmos nas secretarias de educação, sendo eles o psicopedagogo, o fonoaudiólogo, o psicólogo.

2.1 Breve histórico sobre a dislalia

Segundo Bueno e Ferreira (2018) a dislalia define-se como um transtorno de linguagem que é percebido na fala. A princípio é visto como se o indivíduo não conseguisse pronunciar corretamente os fonemas devido à falta de conhecimento adequado da língua, problemas este que até certa idade, antes do desenvolvimento da linguagem é normal, mas quando se trata de dislalia acarreta diversos problemas para o indivíduo.

Em Lima (2008, 150), a autora conceitua dislalia como:

A designação «dislalia» apresenta as suas bases etimológicas nas referências gregas dys, que quer dizer dificuldade e lalein, correspondente ao verbo falar. Portanto, na base desta designação estão dificuldades tão amplas quanto as manifestas para a produção da fala. A acepção originariamente atribuída ao termo dislalia compreendia um vastíssimo leque de situações e correspondia a alterações na articulação dos fonemas, quer por ausência (omissão), quer pela substituição por outros valores ou fonemas (substituição), quer ainda pela adulteração total ou parcial da forma ou modelo verbal que representava ou correspondia a determinada palavra (distorção).

Ao estudar o significado da dislalia é necessário recorrer ao contexto histórico do termo e o que ele representa no âmbito do estudo, assim é importante compreender que Lima, Cabral e Silvano (2021) a dislalia é um problema de saúde, tratado pelo profissional específico, no entanto é uma dificuldade de linguagem que interfere na vida do indivíduo, inclusive no âmbito escolar e desempenho acadêmico do educando.

Eberhart e Cauduro (2013, p. 11), afirmam que:

O “Distúrbio Fonológico de desenvolvimento (Dislalia) é um distúrbio de aprendizagem verbal, que está ligada aos processos simbólicos da leitura e da escrita, que por sua vez relaciona-se ao desempenho escolar”. Vygotsky (1989) afirma que o auxílio prestado à criança em suas atividades de aprendizagem é válido, pois, aquilo que a criança faz hoje com auxílio de um adulto ou de outra criança maior, amanhã estará

realizando sozinha. Desta forma, o autor enfatiza o valor da interação e das relações sociais do processo de aprendizagem.

Apesar da dislalia ser comum e ter tratamento que melhoram o desempenho do indivíduo que apresenta este distúrbio de linguagem, o diagnóstico tardio prejudica para que as intervenções necessárias alcancem os objetivos esperados.

Identificar uma pessoa que tenha dificuldade na utilização da linguagem falada e conseqüentemente da escrita, é difícil devido à falta de conhecimento das pessoas que interagem com a criança, tanto pais como professores convivem constantemente com crianças e o seu desenvolvimento, não sabendo identificar quando pronúncias de palavras erradas, com troca de letras é natural ou já se pode-se estabelecer como problema de saúde exige tratamento e acompanhamento específico. (LIMA, CABRAL e SILVANO, 2021)

A dislalia é um distúrbio fonoaudiólogo perceptível, para quem não sabe, as pessoas pensam que o indivíduo não sabe pronunciar corretamente por não possuir conhecimentos linguísticos suficientes, o que pode causar diversos problemas ao indivíduo.

No processo de formação acadêmica não temos uma disciplina que possa esclarecer essa hesitação sobre alguns tipos de distúrbios da linguagem; então surgem alguns problemas que provocam os professores em sua prática docente, não só a partir do processo de aprendizagem, mas também de questões de saúde, pois necessita de um profissional especializado na área, geralmente os/as professores/as regente não possuem essa formação acadêmica.

Segundo Ferreira (2014) entre os problemas de linguagem que interferem na aprendizagem a dislalia é mais fácil de ser identificada, no entanto é importante que tenha um acompanhamento com fonoaudiólogo, que além de trabalhar com o aluno em sessão individualizada, desenvolverá juntamente com o professor um trabalho articulado, orientando-o para que trabalhe atividades direcionadas, de formar a sanar as dificuldades apresentadas.

Sousa (2016) ressalta a importância da equidade no processo educativo, principalmente nas fases iniciais em que a linguagem, letramento e inclusão devem ser articulados as capacidades e especificidades dos educandos, pois enfatiza ser a escola o ambiente ao qual constrói-se e aprimora os princípios de aprendizagem.

A comunicação oral como a escrita, conforme discute Sousa (2016) deve ser percebida em uma postura construtivista, possibilitando diferentes tipos de aprendizagem e desenvolvimento, inclusive para o aluno com dislalia, de forma que suas especificidades sejam respeitadas.

Segundo Moreira (2009) para Piaget o desenvolvimento cognitivo ocorre a partir da assimilação e acomodação, pois ao assimilar o indivíduo incorpora a realidade, processo este que não há modificação da mente, porém quando não alcança a assimilação de um determinado conhecimento, a mente desiste ou se modifica, pois ocorre o processo de acomodação, ao qual busca-se novas formas de assimilação e construção do conhecimento.

Considerando que o aluno constrói o conhecimento, desde que assimila e/ou acomoda é necessário a atenção e as integração da família com a escola, considerando que ao identificar distúrbios de aprendizagem relacionada a fala faz-se necessário o encaminhamento para outros profissionais que tenham competências de diagnosticar e auxiliar família e escola no processo educativo e superação do distúrbio de linguagem.

Conforme Goldefeld e Chiari (2005 apud SOUSA, 2016, p.2):

A aquisição da linguagem, assim como todos os aprendizados infantis acontecem de forma lúdica. Brincando a criança adquire e utiliza os conceitos e, ao mesmo tempo, a brincadeira incorpora características mais complexas de acordo com o desenvolvimento linguístico da criança. Ou seja, o desenvolvimento da linguagem e da brincadeira são interdependentes.

Considerando o exposto, trabalhar com a dislalia e outros problemas de aquisição da linguagem só terá sentido para a criança se o seu „universo' for considerado, ou seja, o lúdico articulando o desenvolvimento de metodologias que possibilite ao educando desenvolver a articulação da fala, trabalho esse compartilhado com a família e com outros profissionais, como o fonoaudiólogo.

Na perspectiva de Souza, Silva e Coutinho (2019, p. 212):

A dislalia é um dos distúrbios da fala, um problema articulatorio que consiste na omissão, substituição, transposição, acréscimo ou deformação de fonemas. Vejam-se alguns exemplos desses casos, respectivamente: omei (tomei); boneta (boneca), mánica (máquina); atelântico (atlântico). Nesse, deixa-se a língua entre os dentes ao pronunciar os fonemas [s] e [z], em palavras como sol, peça, azedo, asa, exame. Consiste na má pronúncia das palavras.

As dificuldades de comunicações são problemas comumente encontrados

em sala de aula, identificar e encaminhar esses casos no início da vida escolar da criança podem trazer benefícios para a vida futura em sua socialização e na aprendizagem,

Ainda em Souza, Silva e Coutinho (2019, p. 212):

A origem da dislalia pode ser orgânica, resultante de malformações, alterações ou traumatismos no aparelho fonador (língua, lábios, palato); funcional, está ligada a fatores hereditários, alterações emocionais e ao meio; e, auditiva, devido à perda auditiva leve ou moderada, o que dificulta o aprendizado das palavras; que é uma abordagem mais psicológica. Trata de falhas na articulação, cuja origem pode ser orgânica (defeitos na arcada dentária, lábio leporino, freio da língua curto, língua de tamanho acima do normal) ou funcional (a criança não sabe mudar a posição da língua e dos lábios). A dislalia que não tem causa orgânica – a dislalia funcional – é frequente em filhos caçulas. Por terem uma posição importante na família e por não necessitarem de muito esforço para serem compreendidas, os caçulas em geral tendem a conservar as formas de articulação infantis. Quando entram em contato com outras crianças, no ambiente escolar por exemplo, começam a ser criticados provavelmente ficarão traumatizados por isso

Mesmo sendo a dislalia um problema relacionado, em muitas ocasiões, dentro do contexto familiar e/ou oriundas de fatores orgânicos, é importante e necessário que o educador, principalmente das séries iniciais, tenha conhecimento geral dos fatores que influenciam no desenvolvimento da linguagem, pois assim é capaz de perceber os sinais que o educando apresenta.

Assim, conversar com os familiares, coletar informações sobre seu desenvolvimento, dará ao educador maior segurança para solicitar que o mesmo seja avaliado por outros profissionais ou se deve mudar a metodologia utilizada para possibilitar que o educando com dificuldade na linguagem possa desenvolvê-la satisfatoriamente.

Segundo Mascarenhas (2015), a dislalia é um distúrbio comum nas articulações da sociedade inclusive a dificuldade de pronunciar certos sons que

também podem afetar qualquer pessoa na primeira infância e no aprendizado da escrita.

Compreender como ocorre a dislalia, a forma de identificar sinais aos quais o aluno apresenta é o primeiro passo para que o mesmo possa desenvolver-se em seu aspecto cognitivo da melhor forma possível, mesmo porque quando se identifica um problema de distúrbio da linguagem o profissional da saúde irá desenvolver um trabalho coletivo com a família e o professor.

É claro que os distúrbios da comunicação no aprendizado são os mais fáceis de diagnosticar porque geralmente apresentam sintomas no início da vida. Talvez seja um fator fisiológico ou uma patologia do sistema nervoso. Em outras palavras, pode ser mais fácil diagnosticar o crescimento atrofiado da comunicação em crianças.

Dessa forma, encontrar uma solução para esse problema será muito mais eficaz, isso porque as crianças têm um cérebro mais prático que pode aprender a se ajustar rapidamente às suas dificuldades.

Segundo Vygotsky (2003), um distúrbio da fala que se caracteriza pela dificuldade de articulação de palavras: o portador da dislalia pronuncia determinadas palavras de maneira errada, omitindo, trocando, transpondo, distorcendo ou acrescentando fonemas ou sílabas a elas, no entanto, por mais que de início possa parecer engraçado a criança trocar letras, como “r” pelo “l”, esta é uma troca que pode caracterizar-se um distúrbio da fala podendo perpetuar-se até a vida adulta.

Para Fonseca (1995), o professor é um profissional que está preparado a auxiliar o aluno que está com problemas de superar as dificuldades de aprendizagem. O professor também precisa prestar atenção que um método pode ser utilizado com um aluno e outro método com outro, os alunos nunca são iguais. Sabe-se que existem professores que utilizam o mesmo método para todos os alunos e muitos são prejudicados.

Souza e Fontanari (2015, p. 3) afirmam:

Ao longo do desenvolvimento infantil, observamos alguns distúrbios da fala, que inicialmente são considerados pelos pais bonitinhos e engraçadinhos, mas que merecem atenção e correção, podendo tornar-se erro persistente. Os erros linguísticos podem afetar drasticamente a vida familiar e social dos acometidos por tais distúrbios, caso não sejam tratados. O auxílio dos pais, professores e demais profissionais especializados são essenciais para que o tratamento seja realizado com sucesso.

Por conviverem diariamente com as crianças, os pais devem ajudá-los a observar onde seus filhos encontram dificuldades de comunicação e trabalhar com os professores para encontrar recursos e métodos para corrigir ou aliviar esses obstáculos. Portanto, crianças, pais e professores devem trabalhar juntos para se tornarem um tripé que promova a melhora dos sintomas e sua possível superação.

Os autores supracitados afirmam que é comum que uma criança seja capaz de fazer todos os sons necessários para falar aos oito anos e isso deve ser

bem observado. A dislalia costuma ser encontrada na escola e é observada como um distúrbio em alunos ativos, sem essa observação e tratamento, a criança ainda terá dificuldade antes de atingir a idade adulta.

Souza e Fontanari (2015) embasarão teoricamente essa pesquisa pois servirão de suporte para pensar o conceito de dislalia, como identificá-lo e as intervenções necessárias das pessoas que convivem diretamente com as crianças com dificuldade de comunicação.

De acordo com Souza (2015) o papel do professor é essencial na identificação da dislalia, portanto é necessário que ele esteja atento as dificuldades e aos erros dos educandos, elaborando se necessário um plano de ação ao qual evita-se ocorrências de agressividade e bullying com a criança supostamente com dislalia. É comum que esta criança se sinta retraída e envergonhada, sendo que o comprometimento da socialização é também uma das características apresentadas pelo aluno com este distúrbio de linguagem.

É necessário que o educador busque conhecer e aprofundar sobre os distúrbios de linguagem, inclusive a escola deve proporcionar este tipo de formação para seus educadores, colocando como meta em seu Projeto político Pedagógico, pois com conhecimento o educador tem maiores condições de auxiliar seu aluno a superar distúrbios de linguagem desde o início e evitar que as consequências se estendam e prejudiquem seu desenvolvimento.

De acordo com Silva (2015) Dislalia origina-se do grego “dys + lalia”, que consiste na dificuldade de articulação de palavras, cujos sintomas apresentam-se em omissão, substituição ou deformação de fonemas.

A dislalia foi um termo conhecido dentro do desvio fonológico, conhecido na década de 60, que segundo Silva (2015, p. 22) “esse termo era definido como transtorno na articulação dos fonemas por alterações funcionais dos órgãos periféricos da fala”.

Silva (2015) aponta que o termo dislalia surgiu para definir um quadro de falta de linguagem (Alalia) utilizada em primeiro momento pelo suíço Schuller, ressaltando que anterior a utilização deste suíço, utilizava-se o termo dislalia referente as dificuldades de produção da fala, principalmente na articulação das palavras.

No decorrer da pesquisa, o diálogo com os autores é primordial, pois são eles que trazem sustentação a credibilidade e importância do tema abordado.

Destaca-se que cada qual com suas especificidades, exploram a necessidade de conhecimento do conceito de dislalia, assim como os prejuízos que acarretam as crianças que apresentam este distúrbio de linguagem, buscando um trabalho multiprofissional que envolve a escola, família e outros profissionais preparados para auxiliar no desenvolvimento cognitivo da criança, possibilitando a mesma ter domínio da linguagem falada e escrita com fluência.

2.2 Como trabalhar com o/a aluno/a com dislalia?

O docente que trabalha com os alunos nas séries iniciais, é o profissional que melhor tem condições de identificar os distúrbios de linguagens, cabendo a ele, quando não tem o conhecimento necessário buscar se informar, sendo que neste período sua atuação é imprescindível para que o educando não tenha maiores complicações futuras, pois teve intervenções no momento certo com os procedimentos necessários direcionados.

Ressaltam Bueno e Freitas (2018) que o educador, no exercício de sua prática pedagógica se depara com diversos problemas, aos muitos se intensificam e fogem de sua competência, mas também tem aqueles aos quais identificados e trabalhados da forma correta são sanados e/ou tratados.

Afirmam os autores Bueno e Freitas (2018, p. 2) que:

A dislalia é avaliada como um procedimento que envolve o organismo humano e que acarreta distúrbios na fala, bem como a possibilidade de distúrbios na escrita. A troca de sons aponta essa má articulação nas palavras, que pode prejudicar o desenvolvimento da criança. Sendo assim, é muito importante que a articulação da criança seja avaliada para realizar as intervenções necessárias, evitando maiores prejuízos futuros.

É importante destacar que o educador das séries iniciais, que está em contato direto com as crianças, consegue perceber que este o desenvolvimento de sua linguagem não está condizente com sua idade e com o nível esperado para sua idade, cabendo a ele assumir um olhar diferenciado, a qual através de suas observações descarte ou não a possibilidade de ser realmente problemas do desenvolvimento da linguagem ou atraso por falta de umas séries de fatores, as quais a família também é parte importante nesta análise.

Em Souza e Fontanari (2015, p. 3):

Ao longo do desenvolvimento infantil, observamos alguns distúrbios da fala, que inicialmente são considerados pelos pais „bonitinhos' e „engraçadinhos",

mas que merecem atenção e correção, podendo tornar-se erro persistente. Os erros linguísticos podem afetar drasticamente a vida familiar e social dos acometidos por tais distúrbios, caso não sejam tratados. O auxílio dos pais, professores e demais profissionais especializados são essenciais para que o tratamento seja realizado com sucesso.

Neste contexto, o educador após estudo minucioso do educando que apresenta distúrbio da fala, é o primeiro a proceder com as ações necessárias, cabendo a ele comunicar com a equipe pedagógica da escola para que se busque a parceria da família e coletivamente encaminhem o aluno a outros profissionais como psicopedagogo e fonoaudiólogo, trabalhando de forma multidisciplinar, em que cada um exerça sua função e viabilize ao educando receber o acompanhamento necessário, cujo fator primordial para o sucesso do tratamento é cada um dos envolvidos falarem a mesma linguagem e atuarem na melhoria do educando.

O fracasso escolar é um problema sério, pois repercute na vida dos indivíduos, sendo que para uns com maiores proporções. É uma responsabilidade em que a escola não pode se eximir por não perceber e encaminhar casos que fogem de seu alcance, como distúrbios de linguagem, como a dislalia.

Recorrendo a Assunção e Freitas (2019, p. 408), destaca-se:

Compreendem-se as perspectivas de atuação como um amplo conjunto de esforços em que existem contextos construídos ao longo do tempo, vivências e possibilidades concretas de intervenção. Apesar disso, é preciso levar em conta que há ambientes que não conseguem progredir devido falta de investimento, descaso político e falta de políticas públicas locais, prejudicando todo um sistema.

É certo que por muito tempo, a escola caminhou sozinha, carregando as frustrações ao perceberem que muitos problemas de aprendizagem não estavam ao seu alcance solucionar, não tendo outros profissionais a quem recorrer, fato este existente devido ao fato de não terem o respaldo necessário para atuar.

A escola, assim como o educador, não pode assumir a responsabilidade do fracasso do educando, tão pouco podem se omitirem ao perceber que o mesmo apresenta problemas de aprendizagem, como os distúrbios de linguagem. É necessário recorrer ao auxílio de profissionais capacitados para fechar um diagnóstico e promoverem coletivamente que este educando seja acompanhado, tendo o poder público a responsabilidade de promoverem este acompanhamento.

Na perspectiva de Pascual (1995), sendo a dislalia um distúrbio na articulação dos fonemas que culmina pela ausência ou alteração de alguns sons que

consequentemente tendem injustamente a serem substituídas por outros. Ressalta o autor (PASCUAL, 1995) que este distúrbio de linguagem é decorrente da incapacidade de formar ou pronunciar determinados fonemas corretamente.

O educador que trabalha com crianças que apresentam dislalia percebe os sinais através das dificuldades em produzir sons, constantemente interferindo no rendimento escolar, que segundo Rêgo (2009), este distúrbio, caracterizado pela troca de fonemas prejudica a criança também no desenvolvimento da escrita.

Em Souza, Silva e Coutinho (2019, p. 32015):

É importante destacar o papel do professor nesse processo, classificando como indispensável. Este profissional pode identificar o distúrbio em um primeiro momento, compreendendo e auxiliando na terapia. A função do professor é orientar, dar suporte, planejar atividades que proporcionem o desenvolvimento destas crianças de maneira que elas consigam superar as dificuldades de aprendizagem e comunicação. Deverá alterar a maneira de como ministra as aulas e a realização das atividades.

Não espera que o professor seja o único responsável pelo sucesso da aprendizagem do aluno, nem tão pouco que este passe por cima e deixa que o educando vá trilhando seu caminho sem ter sua dificuldade trabalhada. Cabe ao educador perceber os primeiros sinais, recorrer a família e a orientação de um psicopedagogo e/ou fonoaudióloga e realizar uma adaptação curricular, elaborando e aplicando atividades direcionadas, as quais o educando participe ativamente e tenha respaldo, pois quando o problema é deixado de lado, o educando frequenta a escola, mas não consegue desenvolver, estando sempre fora do contexto educativo.

3. METODOLOGIA DA PESQUISA

Para cada paradigma encontra-se uma forma de entender a realidade e encarar os problemas educativos. Conforme Coutinho (2000), a evolução processa-se quando surgem novas formas de equacionar as questões impulsionando a que os paradigmas fluam, entre em conflito na busca de novas soluções para os problemas de ensino aprendizagem.

No referente estudo busca-se entender a importância de observar a pronúncia correta dos alunos/as na Educação Infantil e de como os professores estão preparados para lidar com essa situação.

Ao realizar este tipo de estudo, o pesquisador tem condições de trabalhar fundamentado na interpretação de bases teóricas, analisando o que já

está pronto. Pode-se dizer que através da pesquisa qualitativa o investigador construirá o saber, pois “(...) a pesquisa qualitativa é a única que nos possibilitará um aprofundamento real do conhecimento e uma acumulação de saber” (BRASIL, 2002, p. 8). Segundo Gerhardt e Silveira (2009, p. 37):

A pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos como livros, artigos científicos, páginas da web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto.

Por meio de pesquisa em sites renomados retirados do Google Acadêmico e Scielo entre outros, no levantamento bibliográfico, recorreu-se à literatura acadêmica e legislação que abordem o tema, na premissa de problematizar o que se tem escrito sobre o assunto e mapeamento dos conceitos.

Como a pesquisa teve como base metodológica de pesquisa a abordagem qualitativa e bibliográfica para isso, diversos autores que embasarão para alcançar meus objetivos como Cabera (1999) Vygotsky (2003), Assunção (2019); Camilo (2017); Rêgo (2019); Souza (2019); Fonseca (1995); Souza e Fontanari (2015) que aborda vários assuntos sobre os distúrbios de aprendizagem.

A pesquisa é importante, pois poderá ser base de estudo para futuros estudiosos, podendo coletar e discutir maiores dados sobre a dislalia, que mesmo sendo distúrbio de fácil intervenção pedagógica, ainda traz séria consequências para muitos alunos.

Realizou-se um levantamento através de estudo criterioso, e também um levantamento bibliográfico na literatura científica, livros e artigos que abordam essa temática. A pesquisa será qualitativa bibliográfica tendo como base a análise de material já publicado que será utilizado para compor a fundamentação teórica a partir da avaliação atenta e sistemática de livros e artigos disponibilizada na internet e livros concretos.

Numa investigação conforme a que iremos realizar em que se pretende compreender se ocorreram mudanças significativas na prática pedagógica que podem ser utilizadas com alunos que apresentam dificuldades de linguagem, parece-nos adequado optar pelo paradigma interpretativo e qualitativo.

Sendo assim, a própria vivência que tenho na prática serviu de impulso

para aprofundamento no tema, por conviver no cotidiano com um filho que possui a dislalia, e enquanto mãe tive que aprender a melhor forma de auxiliá-lo nessa trajetória aprendendo também a cada dia.

Sendo assim, para a concretização deste trabalho, realizado com credibilidade fez-se necessário uma pesquisa bibliográfica qualitativa, na qual abrange-se o tema, aliando teoria à prática, num processo de contextualização, que teve como respaldo artigos acadêmicos explorados, de forma que eles tratassem a discussão da dislalia, as consequências para a criança que é acometida deste distúrbio de linguagem e o que pode ser feito pedagogicamente para trabalhar com este indivíduo.

Como características da dislalia ressalta-se omissão e substituições de fonemas na utilização da fala

Neste aspecto, pensando nas possibilidades de responder questões levantadas referente a esta pesquisa, assume-se a postura de pesquisador e busca-se dados que possam comprovar o que se pretende a analisar, adotando-se uma prática na qual haja a contextualização entre teoria e prática.

No desenvolvimento de uma pesquisa científica a abordagem qualitativa faz-se presente nas diversas esferas sociais, inclusive na educacional, que na perspectiva de Ana, W.P.S e Lemos, G.C (2018, p. 532) é “como objetivo promover e confrontar dados e informações sobre determinado assunto, a partir de um embasamento teórico sólido a respeito do objeto que está sendo pesquisado”.

Privilegia-se o enfoque qualitativo, de caráter descritivo, inspirado nos princípios da análise documental como procedimento da pesquisa. No campo educacional, a pesquisa científica, numa abordagem qualitativa, tem encontrado no materialismo histórico-dialético o método mais apropriado para a difusão do conhecimento social em educação, pois busca através da análise qualitativa encontrar soluções para a transformação da realidade vivenciada, tanto no plano do conhecimento como no plano histórico social.

Ainda com Souza, Silva e Coutinho (2019, p. 32010):

Para assegurar a escolarização dos alunos com necessidades especiais na escola regular, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação 9394/ 96, dispõe no Art. 58º sobre a garantia do acesso, da permanência e da qualidade da educação desses sujeitos visando a inclusão escolar (BRASIL, 1996). Entretanto, tornou-se um desafio tanto para os professores quanto para as escolas, que precisaram rever suas

estratégias de ensino e materiais didáticos.

Sabe-se que de acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (9394/96) e a Constituição Federal (1988), a educação é um direito de todos, independente de suas limitações, no entanto na prática é um desafio, pois o sistema não contribui para que todos realmente recebam uma educação de qualidade, transformando-se em um efeito dominó, pois os que não apresentam dificuldades conseguem seguir o percurso, enquanto que os necessitam de um trabalho pedagógico diferenciado vão se perdendo no meio da caminhada.

Como características da dislalia destaca-se omissões e substituições de fonemas na utilização, não tem cuidados neurológicos, podendo estar alicerçados na estrutura da boca de uma criança, assim como em alterações dentais. (PAIS & FILHOS, 2015)

Assunção e Freitas (2019) afirmam que dificuldades não trabalhadas no âmbito educacional conduzem ao fracasso escolar. Recorrendo a Constituição Federal (1988), em seu Art. 205, estabelecendo que a educação é um direito de todos e dever do Estado e da família.



FIGURA 1: Fala do Cebolinha

FONTE: http://www.vision.ime.usp.br/~pmiranda/mac122_2s19/page/aulas_mac122.html

No entanto, ao apresentar dificuldades de aprendizagem o próprio educando sente-se excluído, não consegue inserir-se no contexto de um cidadão de direitos, que mesmo com suas especificidades consegue aprender.

Não é fácil para o educador diferenciar dificuldades e transtorno de

aprendizagem, principalmente quando esta dificuldade está alicçada ao domínio e utilização da fala.

A garantia do direito a educação de qualidade que atenda a todos institivamente é camuflada quando as salas de aula estão cheias, o professor tem que se desdobrar para atender a todos, não há capacitação adequada e disponibilidade de apoio de uma equipe multiprofissional.

É inaceitável que ainda haja alunos com problemas de linguagem que não consiga ter sucesso em sua vida escolar. É necessário que haja uma ação contínua e coletivamente, cobrando do sistema público condições necessárias para atender esses alunos, seja estas condições, física, pedagógico e/ou em conjunto com outros profissionais.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Embora inicialmente pareça engraçado o a troca de letras, como “r” pelo “l”, esta é uma troca que pode caracterizar-se um distúrbio da fala podendo perpetuar até a vida adulta.

Segundo Oliveira (2018) o exemplo claro da dislalia pode ser observado na fala do Cebolinha (Figura 1), personagem da Turma da Mônica, que parece engraçado, mas é uma má formação na articulação dos fonemas e sons da fala caracterizando-se por um distúrbio de linguagem que requer atenção e atividades diferenciadas que possam sanar o referido distúrbio.

É importante perceber que o distúrbio de aprendizagem se relaciona com problemas inerentes as causas educativas, pois por mais que o educador mude a abordagem educacional viabilizada pelo educador, o educando apresenta as mesmas dificuldades, os mesmos sintomas.

Na dislalia os educandos apresentam dificuldades na fala, que podem apresentar alterações na formação normal dos órgãos fonadores, o que dificulta a pronúncia correta de certos sons.

No que se refere ao distúrbio de linguagem, caracterizado como dislalia é importante uma avaliação fonoaudiológica, o que infelizmente para muitos não é um hábito preventivo, mesmo quando a familiares é entendida como troca de letras normais ao desenvolvimento da fala.

Muitos especialistas, como Oliveira (2018) afirmam que a dislalia pode

surgir devido ao fato de a criança utilizar chupeta por muito tempo, utilização prolongada da mamadeira, que mamam no peito e eximem do processo de mastigação, respiração e amamentação em ritmo e período certo.

Oliveira (2018) aponta diferentes tipos de dislalia, classificadas como: omissão (não pronuncia alguns sons); substituição (troca alguns sons por outros); acréscimo (acrescentar mais um som); rotalismo (substituir o “r” pelo “l”); gamacismo (omite ou substitui os fonemas k e g pelas letras d e t); lambdacismo (pronuncia a letra de maneira defeituosa); sigmatismo (usa de forma errada ou tem dificuldade em pronunciar as letras S e Z).

As dificuldades da fala, característica da dislalia, apresenta por Oliveira (2018) podem ser encontradas juntas em um mesmo indivíduo o que para auxiliá-lo é necessário aprofundar as causas e ao diagnóstico, mesmo porque existem diversos motivos que desencadeiam o desenvolvimento da dislalia, podendo estar relacionadas a alterações orgânicas; mordida alterada; musculatura em posição adequada; chupeta; hereditariedade, entre outras.

O site um COMO (2017, p. 03), apresenta atividades para o tratamento da dislalia, sendo elas:

1. Brincar com onomatopeias. Fazer sons de animais para identificar os sons das letras. Desenhar e pintar o animal enquanto fazemos o som.
 Jogo das frases. Dar para a criança palavras que nos interessem trabalhar e que ela forme frases. Primeiro de forma oral, depois escritas, para finalizar lendo. Por exemplo se queremos trabalhar o som L/R, dar palavras como: rato, barata, graça, parede, caracol, grama, vampiro, maracujá...
2. O jogo da repetição. Repetir uma sucessão de palavras e frases, e somar pontos cada vez que falar corretamente. Por exemplo, "o rato roeu a roupa do rei de Roma", etc.
3. Jogo dos objetos e vogais. Trabalhar as vogais com os nomes dos objetos que temos em casa. Por exemplo, se quisermos trabalhar a letra /o/, procurar objetos em casa que comecem por /o/ e dizer seu nome em voz alta.
4. O jogo das adivinhas. Procure adivinhas cujo enunciado e resposta tenham os sons que queira reforçar em seu filho. Por exemplo, se quiser reforça o X/S: O que é, o que é: Tem coroa, mas não é rei, tem espinho, mas não é peixe? Resposta: Abacaxi.
5. Jogo do trava-línguas. Os trava-línguas são muito divertidos e as crianças adoram. Procure trava-línguas divertidos para potenciar no seu filho a pronúncia correta.
6. Jogos de computador. Na Internet você pode encontrar jogos interativos para trabalhar as palavras e seus sons. Com certeza seu filho vai adorar jogar com você os jogos que encontrar para ele.
7. Os jogos do fono. Para que seu filho veja que o fonoaudiólogo e você vão pelo mesmo caminho, peça ao fono que especifique alguns jogos para potenciar a pronúncia correta do seu filho e praticar em casa. Por exemplo, jogos de espelho para posicionar bem o rosto, jogos de sopros,

jogos de respiração... Qualquer jogo que o fono encontre apropriado.

É importante destacar a importância do trabalho diferenciado com alunos com o distúrbio da linguagem dislalia, pois ao ser inserido um trabalho pedagógico padronizado, tira-se deste aluno a oportunidade de aprender e acompanhar a turma de igual para igual, mesmo porque ao ser trabalhado o foco do problema da dislalia oportuniza-se que haja construção de aprendizagens significativas, e que o referido déficit de linguagem é algo banal e solucionado.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao finalizar o referente trabalho observa-se que a dislalia é um distúrbio fonoaudiológico perceptível ao qual identificado e trabalhado corretamente pode ser solucionado proporcionando ao educando o desenvolvimento da leitura e da linguagem, com subsídios necessários para alcançar o que se espera dentro de sua faixa etária, sem prejuízo na construção de sua aprendizagem.

O tema abordado tem grande relevância, pois discute uma abordagem pontual, ao qual infelizmente não há ainda preparação do pedagogo para lidar com este distúrbio de linguagem, passando muitas vezes despercebido, mas que traz graves conse. Quanto aos objetivos proposto considera-se que mesmo com dificuldade na busca de referências bibliográficas que discutem o tema, alicerçando a discussão, foi alcançado no sentido mesmo de despertar o núcleo acadêmico aprofunda não só com a dislalia, mas também com outros distúrbios de linguagem, oferecendo aos educadores que atuam na prática com alunos que não desenvolvem o processo de leitura e aprendizagem por sofrerem algum distúrbio, orientações para trabalhar pedagogicamente com esses educandos e consequentemente com sua família, ampliando o apoio em seu desenvolvimento.

No decorrer do trabalho, visando alcançar os objetivos propostos recorre-se ao levantamento bibliográfico, concluindo que existem poucos trabalhos científicos disponíveis que abordem a dislalia, assim como ao buscar identificar o percentual de alunos que são disléxicos não foi possível encontrar.

O fato de não encontrar muitas opções bibliográficas, não significa que a discussão não seja relevante, mas que não há ainda muitos estudos, discussão e dados que abordam o tema, fato este que torna a referente abordagem mais significativa, no sentido de que o problema da dislalia existe e está presente no

âmbito escolar, afeta crianças prejudicando-as em toda sua vida escolar e infelizmente não é foco de pesquisas e estudos que visem sanar o problema. Espera-se que outros estudiosos se atentem ao problema da dislalia, aprofundando em suas pesquisas e contribuindo para o favorecimento de muitos educandos.

REFERÊNCIAS

ABIB, Valéria. Saiba o que é dislalia infantil, o distúrbio do Cebolinha. Revista Pais&filhos, 14 de dezembro de 2015. Disponível em: <https://paisefilhos.uol.com.br/crianca/saiba-o-que-e-dislalia-infantil-a-doenca-do-cebolinha/>, acesso 20 de abril de 2022.

Ana, W.P.S. e Lemos. G.C.(2018) **Metodologia Científica: a pesquisa qualitativa nas visões de Lüdke e André**. Revista Eletrônica Científica Ensino Interdisciplinar Mossoró, v. 4, n. 12. <http://periodicos.uern.br/index.php/RECEI/article/view/2870/1803> (Acesso em 28/02/2022)

ASSUNÇÃO, Wilson Cardoso. FREITAS, José Carlos de. **Dificuldades de aprendizagem no contexto escolar: possíveis estratégias didáticas e de intervenção**. Revista Exitus. Santarém-PA, v. 9, n 5, p. 391-420, Edição Especial 2019.

RÊGO, Patrícia Sá. **Distúrbio da linguagem que afeta a escrita é alvo de preconceito na escola e no trabalho**. Eztra. Rio de Janeiro, 2019.

SILVA, Maria Eduarda da. **Desvios fonológicos: uma visão linguística**. Universidade federal de Santa Catarina. Centro de comunicação e Expressão. Departamento de Línguas e Literaturas Versáculas. Florianópolis – SC, 2015.

SOUSA, Ivan Vale. **Letramento, Linguagem e Inclusão: um estudo disléxico em Maurício de Sousa**. ARTEFACTUM – Revista de Estudos em Linguagens e Tecnologia, v. 13, n. 2, 2016.

SOUZA, Gustavo de Lima. SILVA, Roseane Maria da Costa. COUTINHO, Diogenes, José Gusmão. **Dislexia e Dislalia: necessidades e possibilidades na prática inclusiva**. Braz. J. of Develop., Curitiba, v. 5, n. 12, p. 32009 – 32018, dec. 2019. ISSN 2525-8761. Disponível em: <https://www.brazilianjournals.com/index.php/BRJD/article/view/5592/5064> .Acesso em: 20 de janeiro de 2022.

SOUSA, Ivan Vale. **Letramento, Linguagem e Inclusão: um estudo dislático em Maurício de Sousa**. ARTEFACTUM -Revista de estudos em Linguagens e Tecnologia, v. 13, n. 2, 2016. Disponível em: <<http://artefactum.rafrom.com.br/index.php/artefactum/article/view/1334/665>> Acesso em: 29/08/2021.

SOUZA, Mariana Castro, FONTANARI, José Fernando. **Dislalia na Escola- Psicologia da Educação II**. IFSC - Universidade de São Paulo, 2015. Disponível em:

<<http://www.gradadm.ifsc.usp.br/dados/20152/SLC06311/Dislalia%20na%20escola.pdf>> Acesso em: 28/08/2021 transtorno da dislalia. Frederico Westphalen: p. 10-19, 2013.

SANTOS, Marilda Carneiro. **Um estudo sobre a prática pedagógica de professores com crianças portadoras de distúrbios articulatórios em três escolas municipais em Feira de Santana**. Sitientsleus, Feira de Santana n. 31, p. 131-132, jul/dez. 2004.

VYGOTSKY, L. S. Pensamento e linguagem. São Paulo: Livraria Martins.

TAVARES, Rita de Cássia. MONTIEL, Larissa Wayhs Trein. **Dificuldades de aprendizagens e fracasso escolar**. Revista Científica Multidisciplinar. Núcleo do Conhecimento. Ano 04, Ed. 10, v. 09